

# MARKETS ON THE PERIPHERY

CCRU<sup>1</sup>

Traduzido por Damares Bastos Pinheiro<sup>2</sup>

## Resumo:

Trata-se de uma tradução do texto *Markets on the Periphery*, disposto na seção Arquivo do site do grupo experimental Cybernetic Culture Research Unit (CCRU), ativo por volta do meio da década de 1990 e início dos anos 2000, e disponível online. Não há data de sua escrita, tampouco autoria, mantendo o anonimato e a consistência de unidade do grupo em suas atividades. O texto aborda a diferença entre o mercado de periferia e o mercado de âmbito capitalista, baseando-se no pensamento de Fernand Braudel, traz ainda uma definição de mercado periférico enquanto um lugar de subversão espacial, de encontros inesperados e espontâneos, experimentação, aleatoriedade, de fluxos e como um sistema de retroalimentação aberto.

**Palavras-chave:** Tradução. CCRU. Mercados de periferia. Mercado capitalista.

---

<sup>1</sup>Cybernetic Culture Research Unit (Unidade de Pesquisa em Cultura Cibernética), grupo experimental fundado em 1995, formado por diversos pensadores e em torno de Sadie Plant e Nick Land. Este texto se trata de uma tradução do texto *Markets on the Periphery*, disponível online: <https://www.ccru.net/archive/markets.htm>

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia, da Universidade de Brasília.

**Abstract:**

This text is a translation of *Markets on Periphery*, available online in the Archive section of Cybernetic Culture Research Unit (CCRU) website, an experimental group active in the mid-1990 and early 2000s. It has no date or listed authorship, which preserves the group's anonymity and the consistent unity of its activities. The text explores the difference between peripheral market and capitalist market, based on Fernand Braudel' ideas. It also presents a definition of the peripheral market as a space of spatial subversion, unexpected and spontaneous encounters, experimentation, randomness, flows and an open feedback system.

**Key-words:** Traduction. CCRU. Peripheral markets. Capitalist market.

## MERCADOS NA PERIFERIA

Mercados livres são difíceis de encontrar.

Saindo da estação de metrô de Chientan, em Taipei, e seguindo a multidão, você logo é absorvido pelo caos luminoso e agitado do Mercado Noturno de Shihlin<sup>NT</sup>. Entre a cacofonia sobreposta de bolhas sonoras – música barulhenta de vários aparelhos de som baratos, propostas de vendedores amplificadas por microfones, processos de negociações agitados e o badalar do sino de um budista pedinte –, os espaços vão ficando cada vez mais estreitos, tomados de uma densidade turbulenta, crescente e espiralada de estranhos cheiros, acontecimentos e trocas.

Ruas viram becos abarrotados das mais diversas mercadorias: especiarias, flores, roupas, celulares, animais de estimação e, por todos os lados, as comidas de rua. Rosquinhas, tortas doces, bolinhos, macarrão, lula grelhada, frutas frescas, vegetais fritos, bandejas de salsichas variadas e partes de animais assadas (quase irreconhecíveis, não fosse pelos pescoços e patas), competindo por sua atenção, além de iguarias locais, como o infame "tofu fedorento", *kebabs* de

---

<sup>NT</sup> O Mercado Noturno de Shilin, do Distrito de Shilin, é um dos mais antigos de Taipei (capital de Taiwan). O mercado diurno funcionava desde 1909, período colonial japonês, e seu início se deu em frente o Templo Shilin Cixian. Nos anos 1990, era um dos maiores mercados noturnos, contando com mais de 500 barracas de comida, além de famoso e movimentado, tornando-se um ponto turístico bastante popular entre os jovens. Fonte: <https://www.taiwanobsessed.com/shilin-night-market-taipei/>

tomate brilhantes e misteriosas conchas minúsculas sendo mexidas em uma grelha, para frente e para trás. A culinária acontece no instante, onde você está e enquanto observa, provando<sup>NT</sup> uma produção, comércio e consumo imediato e não segmentado.

O mercado é construído a partir da justaposição de espaços heterogêneos: áreas cobertas ou descobertas, ruas, lojas de vários tamanhos, umbrosas barracas envoltas em fumaça de incenso, caminhos escuros cheios de gaiolas de galinhas sonolentas – até mesmo um antigo templo taoísta –, tudo encontra-se quase amebianamente absorvido. O mercado subverte cada tendência espacial de enclausuramento, interioridade, ou mesmo de organização. Lojas e restaurantes adjacentes se adaptam perdendo seus contornos rígidos e espalhando seus produtos, mesas e atividades em meio as ruas.

Nunca se sabe o que se pode encontrar em um mercado. A topografia densa e labiríntica do mercado instiga algo semelhante a uma distribuição de "acesso-aleatório"<sup>NT</sup> de pessoas e de artigos comercializáveis, maximizando o número de encontros e oportunidades de negociação. Multidões circulam em um movimento quase-browniano<sup>NT</sup> enquanto comem, compram, conversam, se encontram, caminham e

---

<sup>NT</sup> No original *demonstrating*, optou-se pela palavra *provar* para manter o jogo de palavras sensoriais textual.

<sup>NT</sup> Em inglês “random-access”, provavelmente remete à linguagem computacional. Fonte: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/random-access>

<sup>NT</sup> Referência ao “movimento browniano”, do botânico Robert Brown (1773-1858), que se trata do fenômeno de movimentação aleatório e imprevisível de partículas em um fluido, seja líquido ou gasoso, causado pelo choque entre estas partículas. Fonte: <https://www.thoughtco.com/brownian-motion-definition-and-explanation-4134272>

passeiam, sendo redirecionadas continuamente pelo tráfego/tráfico que constitui a realidade da vida na cidade.

A expansão não segmentada do mercado se equilibra com sua tendência à aglomeração. Esse arranjo emergente – um lado só para as especiarias, outro para peixes, outro para cobertores, etc. – alimenta uma intensa comparação e competição automática. Uma tendência capaz até mesmo de engolir um mercado inteiro em segmentos individualmente especializados (Hong Kong é um exemplo disso, possuindo zonas específicas dedicadas a mercados de aves, de flores, de peixes e de computadores). Para os cidadãos de sociedades capitalistas não-mercantilizadas – onde a tendência básica dos comerciantes é fugir da concorrência – há algo quase paradoxalmente incompreensível no anti-monopolismo intrínseco desses mercados espontâneos. Por que um vendedor rural monta sua pilha de vegetais bem ao lado de um aglomerado de vendedores semelhantes, vendendo produtos (quase) indistinguíveis? Práticas assim parecem dificilmente distinguir cooperação de competição, e sugere que a imersão no mercado gera uma cultura micro-comercial, constituindo em si uma "mais-valia" crucial (que abrange desde conhecimentos locais de discursos e técnicas, mudanças populacionais, produtos disponíveis, taxas de compensação de estoque e pressões de preços).

A tensão dinâmica entre a distribuição heterogênea e a aglomeração re-energiza continuamente o mercado como um carnaval de comunicação, espiralando em si mesmo, mas também se desdobrando para se conectar com tudo o que toca. Apesar da falta de órgãos de publicidade e de promoção especializados, os vendedores de micromercado são pioneiros na semiótica transcultural, hibridizando tons, gestos manuais e

sinais indicativos com notação decimal<sup>NT</sup>. A chegada de commodities eletrônicos permitiu a inovação no uso de calculadoras baratas como artifício de comunicação (extraíndo um dividendo sociomaquínico inesperado do que foi concebido como um instrumento aritmético privado).

Mercados como o de Shihlin podem ser encontrados por toda periferia, ainda assim - considerando como as coisas se deram no Ocidente – é impossível não se perguntar: será que esse lugar vai resistir?

A conclusão mais crítica do estupendo estudo de Fernand Braudel, em três volumes, sobre a história do capitalismo, é de que existe uma distinção fundamental entre mercados e a ordem capitalista (ou "sistema de antimercado" casado com o Estado). O capitalismo em si pertence à zona politicamente privilegiada superior e essencial de um sistema geral, estabelecendo um superstrato monopolista/oligopolista sobre o substrato da atividade de mercado difusa e seletivamente explorada. A popularidade, a inovação espontânea e a relativa desordem dos mercados os tornam inconsistentes com as iniciativas econômicas geoestratégicas e de planejamento industrial, que são favorecidos pelo Estado (funções confiadas a empresas de grande escala politicamente bem relacionadas). Sob as condições do capitalismo organizado, "o mercado" é associado principalmente ao meta-comércio de negociação de ações, enquanto o "marketing"<sup>NT</sup> é reduzido a uma subfunção especializada da atividade empresarial de grande escala.

---

<sup>NT</sup> Notação decimal é a forma de representar números de 1 a 9, inteiros e frações, que são divididos a partir de um dígito ou ponto decimal, ex.: 32.5. Fonte: <https://brightchamps.com/en-us/math/numbers/decimal-notation>

<sup>NT</sup> Manteve-se o original por tal área ser assim reconhecida em português.

A tese de Braudel ajuda a explicar por que o sentimento burguês é tão confiável e instintivamente antimercado, mesmo com vastos pronunciamentos em contrário. Quanto mais "desenvolvida" uma sociedade é, menos confortável se sente com ambientes de mercado. Se comparados a centros comerciais e lojas organizadas – especialmente as exclusivas – os mercados não são muito "agradáveis". A sociedade burguesa ("civil" ou "educada") é unânime em condenar a sujeira, o barulho e a desordem dos mercados concretos, ainda que defenda certa confiança em princípios abstratos do mercado. O Estado é encorajado a assumir responsabilidade irrestrita de proteger "o público" dos mercados, através de ferramentas de regulamentação, policiamento e de planejamento urbano, aplicadas em nome da segurança e da higiene.

Montar uma "barraca" em uma feira é fácil — basta uma tenda e algumas mercadorias —, o que permite que as feiras surjam espontaneamente em calçadas, esquinas, viadutos, parques e passagens subterrâneas, tornando-as muito difíceis de erradicar (consolidando associações cada vez mais ligadas a pragas, transtorno e desordem). Se as sociedades metropolitanas parecem mais receptivas a pedintes do que a vendedores ambulantes, é porque aqueles representam menos risco de "infestações de mercados" e são mais passíveis de "remediação" pública.

A distinção entre público e privado é uma segmentação interna do capitalismo. É produzida em função da redução estratégica de longo prazo do comércio ao chamado "setor privado", que complementa um "setor público" projetado para gerir a população: a privatização dos mercados combinada com a promoção de uma esfera pública que

comunica a agência do Estado. O ideal de uma diferenciação rígida entre público/privado desempenha um papel significativo nas polêmicas antimercado, pois está em conformidade com a polaridade básica de aspiração burguesa: riqueza privada e ordem pública. Esse desejo por espaços públicos limpos e ordenados, livres de atividade comercial, se complementa com o anti-comercialismo endógeno do capital em grande escala, que subordina a cultura e o espaço da atividade comercial ao interesse privado centralizado.

Em economias "altamente desenvolvidas", a anarquia dos mercados de concreto foi substituída pelos espaços seguros do shopping center (interiorizado, protegido e vigiado). Em vez de becos escuros e lotados, cheios de barracas abertas – que incentivam uma multiplicidade de interações tátteis –, o shopping center substitui vitrines e estandes bem iluminados de lojas. Toda tendência ao contato direto e anônimo ("tocar a mercadoria") é retransmitido por meio de serviços de atendentes ávidos, entregues aos tristes prazeres narcísicos da atenção exclusiva, ao mesmo tempo que abolem implicitamente a exigência do mercado por expertise do consumidor e do vendedor. Como uma compensação do desaparecimento da transparência comercial, o labirinto espontâneo de aromas se torna um labirinto metodicamente planejado de vidros e superfícies espelhadas, exibindo uma aliança espetacular com o "marketing de massa" potencial da mídia televisiva (cujo inverso paródico é a proliferação de câmeras de CFTV<sup>NT</sup>). As perigosas barracas de lanches de rua foram triunfantemente erradicadas pelas "praças de alimentação", que oferecem uma escolha entre redes

---

<sup>NT</sup> No original Closed-Circuit Television (CCTV), que em português é Circuito Fechado de Televisão (CFTV).

alternativas, e pelos "supermercados" (que de jeito nenhum são mercados).

O shopping substitui a estrutura arquitetônico-teleológico pelas trajetórias sem rumo do mercado, organizando o espaço em conformidade com uma ordem segmentada programável de distintas atividades. Qualquer pessoa pode passar por um mercado, mas a única razão para se estar em um shopping é fazer compras (ou atender clientes); o mero "passeio" passa a ser uma atividade ilegítima de "vadiagem". Quando adolescentes tentam recolonizar os shoppings, tratando-os como os mercados reais – ou zonas de fusão microssocial –, desencadeiam uma resposta de segurança. Os shoppings se tornaram laboratórios de experimentação estratégica para dissolver sutilmente "populações problemáticas".

À medida que são espremidos pelas garras gêmeas do planejamento urbano e da shoppinização<sup>NT</sup>, os mercados sofrem uma peculiar dissociação esquizoide no inconsciente cultural do Ocidente. Seu caráter cada vez mais alienígena os prendem em uma mistura instável de ansiedade fóbica e apego lírico, que os associa cada vez mais intimamente ao status e às práticas das populações periféricas. Por um lado – abstraídos e unificados no imaginário – se condensam em um poder transcendente monstruoso: O MERCADO, a Coisa de Fora, cujas "forças" inexplicáveis e imprevisíveis dominam sub-repticiamente a Terra. Por outro, são indistintamente integrados a um orientalismo melancólico, como atrações

---

<sup>NT</sup> Em inglês o termo é “mallification”, remetendo a transformação de mercados em lojas e shopping centers (*malls*), por isso optou-se pela palavra *shoppinização*, em uso coloquial no português.

turísticas exóticas (bazares e *souks*<sup>NT</sup> estrangeiros) ou como bolsões anômalos de excentricidade imigrante.

Não há nada de arbitrário nessa construção, que constitui uma resposta simultânea – talvez fraturada – tanto à agência autônoma ou "demoníaca" das singularidades comerciais emergentes, quanto à sua intensa aliança com a periferia (com margens, limites externos, excentricidade e marginalidade). Os comerciantes sempre operaram nas margens e, na medida em que ainda existem mercados genuínos no Ocidente, eles são produzidos e sustentados principalmente por populações periféricas, das quais os imigrantes recentes desempenham um papel particularmente crucial.

Os mercados surgem sempre que a periferia atravessa uma cultura, como uma consequência espontânea do centralismo interrompido, da comunicação irrestrita e da desorganização positiva.

Há, sem dúvida, um sentido em que as forças repulsivas do núcleo de controle metropolitano empurram tudo o que as perturba para as margens, mas há também um sentido em que as margens estão por toda parte.

---

<sup>NT</sup> *Souks* são mercados tradicionais árabes e berberes localizados em becos distantes de praças centrais. Fonte: <https://memorial.tur.br/souks-medinas-marrocos/>

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CCRU. *Markets on the Periphery*. CCRU. Disponível em:  
<https://www.ccru.net/archive/markets.htm>

DECIMAL NOTATION. In **Bright Champs** [online]. Disponível  
em: <https://brightchamps.com/en-us/math/numbers/decimal-notation>

HELMENSTINE, Anne Marie. *An Introduction to Brownian Motion*. ThoughtCo [6 de julho de 2019]. Disponível  
em: <https://www.thoughtco.com/brownian-motion-definition-and-explanation-4134272>

KEMBEL, Nick. *Como comer no Mercado Noturno de Shilin, o maior de Taipei*. Taiwan Obsessed [21 de abril de 2025]. Disponível em:  
<https://www.taiwanobsessed.com/shilin-night-market-taipei/>

MEMORIAL 30. *Por dentro das medinas e souks do Marrocos*.  
**Memorial 30** [9 de janeiro de 2025]. Disponível em:  
<https://memorial.tur.br/souks-medinas-marrocos/>

RANDOM-ACESS. In Merriam Webster Dictionary [online].  
Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/random-access>